



ALTINHA FILOSÓFICA

Paulo Malafaia
Colégio Pedro II

RESUMO:Relato de experiência do grupo de pesquisa Futebol e Metafísica na I Olimpíada Intercampi de Filosofia do Colégio Pedro II. Motivado pela leitura de *Veneno remédio: o futebol e o Brasil*, de José Miguel Wisnik, o grupo de pesquisa se empenhou em oferecer para a comunidade escolar reunida no evento algumas questões a serem postas em um jogo filosófico que se relacionasse ao futebol; no caso, a altinha. Descreve-se a dinâmica dessa “altinha filosófica”, bem como algumas direções da pesquisa encaminhada pelos docentes envolvidos.

Palavras-chaves:Futebol, Metafísica, Brasil, jogo filosófico, ensino de Filosofia.

ABSTRACT:The following text is an experience report of the research group "Futebol e Metafísica" ("Football [Soccer] and Metaphysics") at the "I Olimpíada Intercampi de Filosofia do Colégio Pedro II" (I Intercampi Philosophical Olympics of Colégio Pedro II), motivated by the reading of *Veneno remédio: o futebol e o Brasil*, written by José Miguel Wisnik. The group strived to offer to the academic community gathered at the event some issues to be put in a philosophical game related to soccer called "altinha". The dynamics of this "philosophical altinha" is described in the text, as well as the research directions taken by the professors involved in the research group "Futebol e Metafísica".

Keywords:Football / Soccer, Metaphysics, Brazil, philosophical game, teaching Philosophy.

Introdução

O presente relato narra a experiência do grupo de pesquisa *Futebol e Metafísica* na I Olimpíada *Intercampi* de Filosofia do Colégio Pedro II, ocorrida no dia 14 de novembro de 2018. Esse educandário público carioca é também a casa do grupo de pesquisa, majoritariamente constituído por docentes de Filosofia de variados *campi*. Quatro deles – os professores Bernardo Boelsums, Diego Ramalho, Germano Nogueira Prado e Paulo Malafaia¹ – tomaram parte de maneira diversa nos eventos que relato aqui.

Destinada aos licenciandos e aos discentes que tomavam parte daquele evento em nosso Colégio, essa oficina também foi apresentada a docentes de outras instituições em outra ocasião². Como tal, como jogo, como dinâmica de interação inclusiva e horizontal, cremos que essa prática pode contribuir para ressignificar as carteiras, os materiais didáticos, os muros que perfazem, numa espécie de paradoxo, o modo nem sempre reflexivo que lidamos com a filosofia em seus enquadramentos escolares. Propor um outro jogo – de forças, de relação, de revitalização do espaço escolar – é o que está no fundo do anseio que move a escrita e a partilha desse nosso relato de experiência para estudantes e docentes de Filosofia.

Um grupo de pesquisa de futebol e metafísica!?

Se tomamos *metafísica* como a *atividade humana que imprime sentido ao (seu ser/estar-no-)mundo*, a relação entre essa outra *atividade humana*, o futebol, pode ganhar matizes diversas. Em nosso grupo de pesquisa, esse interesse foi mapeado em 3 grandes esquemas-táticos, ou modos de se aproximar desse problema, dessa relação: 1) estética; 2) existencial; e 3) politicamente. Mas, como um bom esquema-tático contemporâneo, por vezes, um modo dava no outro.

Veneno Remédio: o futebol e o Brasil, de José Miguel Wisnik, era a leitura que nos guiava em cada encontro na boa metafísica de celebrar a vida com quem amamos e, por extensão, fazíamos isso celebrando (também) o futebol. Da provocadora leitura interpretativa do jogo e do Brasil, emergiam-nos inúmeras questões – sobre o belo,

¹ Compõe o elenco do grupo de pesquisa o professor Leonardo Mendonça, mestrando em Ciências Sociais da Universidade Federal do Espírito Santo.

² No âmbito da XVIII Semana de Filosofia e do Colóquio Internacional Fenomenologia e Hermenêutica, evento ocorrido na Universidade Estadual de Santa Cruz, entre 25 e 29 de novembro de 2019.

sobre nós, sobre o poder, entre muitas outras. E a I Olimpíada *Intercampi* de Filosofia do Colégio Pedro II se nos apareceu como uma excelente oportunidade de oferecer a nossa comunidade escolar uma oportunidade de jogar com e a ela algumas das perguntas, questões, reflexões que nos inquietavam naquele momento³.

Mas como materializar essas perguntas num jogo que se assemelhe ao futebol?

A solução inventiva que encontramos foi a de apelar para um derivado: a altinha – também conhecida como “altinho” ou “bolinha alta”. Nesse jogo, os participantes trocam passes com os pés, peito, ombros, cabeça (mas nunca com o braço e com as mãos...) pretendendo que a bola se mantenha maximamente no ar – sem cair no chão, pois. Dessa forma, não se trata de uma competição que resulta em vencedores e derrotados, mas de uma colaboração, onde todos procuram sustentar maximamente a dinâmica mesma do jogo e, por isso mesmo, convém não colocar o outro em dificuldades para que todos possam seguir participando com o máximo de proveito possível da diversão de não deixar a bola cair.

Essa dinâmica inicial foi complementada com alguns outros elementos mais explicitamente filosóficos. O primeiro deles foi o seguinte: quando a pelota não se mantinha no ar, a pessoa responsável pela descontinuidade do jogo sorteava uma das perguntas previamente elaboradas pela equipe docente para iniciar outra altinha – a das reflexões que alguns textos e questões poderiam suscitar nela e nos demais participantes. O jogo se transmutava, mas a similitude da dinâmica permanecia. A troca de passes se dava agora num dia-lógo em que, a partir de textos e perguntas propostas – relacionando filosofia e futebol –, perspectivas vão se enriquecendo, divergências e discordâncias são apresentadas ou mesmo se reforça posições. Tudo isso toma lugar de modo maximamente inclusivo e horizontal, possibilitando a todos os participantes da *altinha filosófica* expressar seus pareceres, dúvidas ou novas questões, bem como argumentar, ouvir, ponderar, avançar ou recuar na formulação de algum aspecto.

³ Quando da inscrição do grupo de pesquisa *Futebol e Metafísica* para o comitê organizador da I Olimpíadas *Intercampi* de Filosofia do Colégio Pedro II, submetemos o nosso jogo como uma oficina com o título *Falando com os pés: metafísica(s) do futebol*. O texto proponente era o seguinte: “A oficina pretende explorar as possíveis implicações de um encontro algo incomum, mas não tão improvável, entre futebol e filosofia. Trata-se de tentar escutar o que jogo e jogadores falam e dizem com os pés e com o corpo, bem como o jogo como organização social e lúdica, ócio e negócio. Para fazer essa reflexão, a oficina contará com atividades que envolvam não só as palavras que saem da nossa boca, mas o *lógos* que se articula dos pés à cabeça”.

Também aqui o objetivo não é estipular vencedor(es) e derrotado(s), mas colaborar, trabalhar junto para que aquele enriquecimento mútuo possa acontecer de forma lúdica, mantendo maximamente a bola-texto-questão no alto a partir das reflexões suscitadas por ela. (Abaixo seguirão algumas das questões elaboradas pela equipe e que serviram de base para o diálogo proposto.)

Um segundo aspecto da dinâmica da altinha filosófica foi a jogada conclusiva da partida, que tinha lugar quando o coletivo de jogadores entendia que o diálogo havia se encerrado: tratava-se de fazer um gol com a pergunta mesma que havia suscitado a conversa. Para isso, a equipe docente disponibilizou 3 pequenas balizas, cada uma delas correspondente a uma das áreas mencionadas anteriormente – estética, existencial e política. O objetivo era que o jogador responsável por iniciar o diálogo acertasse o alvo que julgou mais adequado à pergunta ou ao diálogo que ela suscitou, apresentando uma justificativa.

Digno de nota é o fato de que essa dinâmica fez aparecer algo da ordem do imprevisto para a equipe docente, tal como o é o acaso mesmo no jogo de futebol⁴: o “erro” no alvo pretendido. O suposto equívoco possibilitou uma jogada inesperada: alguns dos participantes tentaram justificar o que, inicialmente, teria sido consequência do “puro acaso” ou de alguma inabilidade futebolística, reformulando a própria pretensão inicial de apontar uma área para a pergunta. Esse acaso e essa disponibilidade diante da imprevisibilidade do jogo bem pode ser caracterizado como uma espécie de drible ou gingado intelectual, possibilitado pela própria realidade, bem como com nossa

⁴O tema do acaso do jogo aparece logo no início de *Veneno remédio* a partir de uma espécie de “tipificação fenomenológica” que descreve alguns (possíveis) lugares desde os quais ou bem se está envolvido existencialmente por certa fruição do jogo ou bem, ao contrário, é-se tomado de certo distanciamento crítico ou mesmo de ojeriza por ele. Esses “tipos” podem ser elencados e descritos da seguinte forma: 1) indiferentes ao futebol; 2) aqueles que se irritam com seu caráter cíclico por terem o imaginário da história como o avanço de consciência plena rumo a um horizonte salvífico; 3) aqueles que, imbuídos de uma teoria crítica em geral, não veem sinais de vida na catástrofe do mundo, e pensam o futebol como que destituído de graça, além de participar em bloco do processo de dominação; 4) aqueles para quem a vida se alimenta (na sua multiplicidade aberta) de uma margem irrecusável de desejo e acaso.

A partir desse quarto tipo, a relação entre vida e jogo é estabelecida. Essa margem irrecusável de desejo e acaso é tomada como sinônimo de jogo; e é nesse âmbito que “o futebol pode ser objeto simultâneo de paixão e desafio intelectual”, disposição análoga àquilo que a arte solicita ao supor “certa dose de aceitação da violência simbólica e da gratuidade”. Em suma, há, pois, certa equivalência entre jogo, vida e realidade, uma vez que, da perspectiva *daqueles que julgam que a vida se alimenta, na sua multiplicidade aberta, de certa margem irrecusável de desejo e de acaso*, tem-se que a própria vida é jogo (WISNIK, 2008, p. 46).

A correspondência entre vida e jogo também pode ser (entre)vista na análise do papel alienante do futebol do e no Brasil encampada pelo filósofo tcheco-brasileiro Vilém Flusser (1920 – 1991), em *Fenomenologia do brasileiro: em busca do novo homem*. É bom que se sublinhe que esse texto, também explorado por Wisnik, não assume que a alienação provocada a partir do futebol do e no Brasil com um sentido negativo, mas ambivalente o suficiente para dar margem a uma (re)invenção positiva do próprio brasileiro.

interação com ela. As regras e o funcionamento a partir das quais estamos inseridos n(um)a realidade (dada e específica) podem ser reinventadas e mesmo ressignificadas – tarefas que são próprias do fazer filosófico, bem como da arte. Findo essa etapa – dirigido a pergunta em direção ao gol e apresentada a justificativa – a bola voltava a ser lançada ao alto e nova partida começava a ser jogada.

Como prometido acima, eis alguns textos-perguntas filosófico-futebolísticas que foram jogadas em nossa altinha

1.

“A história do jogo de futebol é uma triste viagem do prazer ao dever. [...] O jogo se transformou em espetáculo, com poucos protagonistas e muitos espectadores, futebol para olhar, e o espetáculo se transformou num dos negócios mais lucrativos do mundo, que não é organizado para ser jogado, mas para impedir que se jogue. A tecnocracia do esporte profissional foi impondo um futebol de pura velocidade e força, que renuncia à alegria, atrofia a fantasia e proíbe a ousadia. Por sorte ainda aparece nos campos, [...] algum atrevido que sai do roteiro e comete o disparate de driblar o time adversário inteirinho, além do juiz e do público das arquibancadas, pelo puro prazer do corpo que se lança na proibida aventura da liberdade”.

Eduardo Galeano
Futebol ao sol e à sombra. Porto Alegre: L&PMPockets, 1995 (adaptado).
(texto da questão 39 do ENEM 2018)

2.

Brasil atual:
gol contra?

3.

Brasil:
campeão ou rebaixado?

4.

Você torceu contra a Argentina na final da Copa do Mundo no Brasil?
Por quê?

5.

Torce pra Argentina em alguma hipótese?

6.

O que de mais inesperado aconteceu na sua vida de torcedor?

7.

Foi provocado pelo adversário.
Sentiu ódio?
Quis revidar?
Quis se vingar?

8.

“Uh! Vai morrer!”*:
É sério?

9.

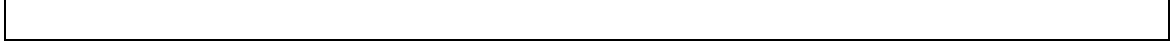
Juiz ladrão porrada é solução?

10.

O que esperar do futuro do (futebol) brasileiro?

* Esse grito é bem comum entre torcedores para expressar a contrariedade da intervenção arbitral de alguma marcação no decorrer da partida de futebol, ou mesmo contra adversários.

MALAFIA, Paulo
Altinha Filosófica



11.

Camisa tem peso?

12.

Juiz admira gol?
Como?
Isso é possível?

13.

O juiz só trabalha ou também se diverte?
Por quê?

14.

Vídeo árbitro e Whats App:
De onde vem a verdade?

15.

O que leva alguém a querer ser juiz de futebol?

16.

Por que a maioria dos árbitros que apitaram finais de Copa do Mundo é europeia?

17.

“Ópio do povo”:
Futebol,
Religião,
Ambos,
Nenhuma das anteriores?

18.

Futebol:
Ócio?
Negócio?
Ambos?
Nenhum dos dois?

19.

“[O futebol] presta-se a promover a aceitação conformista do trabalho alienado, a mentalidade do puro rendimento, a competição brutal, a agressão, o sexismo, o fanatismo, o bairrismo, o ativismo irracional das torcidas, o desprezo pela inteligência e pelo indivíduo, o culto dos ídolos, a massificação, o autoritarismo, a fusão mística nos coletivismos tribais, a supressão do espírito crítico e do pensamento independente”

José Miguel Wisnik listando o que filósofo argentino Juan J. Sebreli considera sobre o futebol.

Se o texto tem razão,
Por que a gente gosta (tanto) desse troço?

Referências bibliográficas

FLUSSER, Vilém. *Fenomenologia do brasileiro: em busca do novo homem*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998.

GALEANO, Eduardo. *Futebol ao sol e à sombra*. Trad. Eric Nepomuceno e Maria do Carmo Brito. Porto Alegre: L&PMPockets, 1995.

SEBRELI, Juan José. *La era del fútbol*. Buenos Aires: Debolsillo, 2005.

WISNIK, José Miguel. *Veneno remédio: o futebol e o Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.